

Jornal da Tarde

10/7/1987

Leme, um ano

Uma manifestação na mesma praça onde morreram, há um ano, dois trabalhadores rurais. É o protesto dos parentes e do PT.

Sueli, sem marido, e dona Inês, sem filha, vão estar neste sábado num ato público na mesma praça do Bom Sucesso, na cidade de Leme, onde há um ano estes seus familiares foram mortos durante uma manifestação. O ato público, convocado pelo PT, CUT, movimentos Negro e dos Sem-Terras, e comissões pastorais, pretende homenagear as vítimas. Mas também vai tratar das razões que levaram às mobilizações na região — e que culminaram em 11 de junho de 1986 nas duas mortes — e dos desdobramentos políticos dos fatos num ano eleitoral.

Do inquérito policial pouco ou nada se sabe. Ele estacionou dois meses após ter sido aberto e está no mesmo ponto dez meses depois: os disparos que mataram duas pessoas e feriram outras dez partiram de armas de PMs. Quais armas, ou quais PMs dispararam, é um "caso de perícia". Que até agora não foi feita. Já aconteceram mais de 60 audiências, já foram ouvidas 234 pessoas. Mas nem o inquérito avança nem a ação de responsabilidade civil movida contra o Estado — que mantém a PM — obteve até agora algum sucesso.

Assim, Sueli e dona Inês perderam marido e filha, o sustento de suas famílias — era Orlando Correa, bóia-fria, que mantinha a casa com mulher e dois filhos, era Sibely Aparecida Manoel, empregada doméstica, que mantinha a mãe e uma irmã — e, um ano depois, só esperam pela possível indenização do Estado. Nem sequer os túmulos, única promessa feita pela prefeitura de Leme, foram feitos.

As mortes — ocorridas durante a repressão por 180 policiais militares trazidos de cidades vizinhas para Leme para desmobilizar piquetes e manifestações de trabalhadores rurais em greve por melhoria salarial — também acabaram pesando para os trabalhadores na região. No ano passado, os bóias-frias reivindicavam passar de diária de Cr\$ 46,00 para Cz\$ 80,00. Obtiveram Cz\$ 50,00 depois de 30 dias de greve, quando chegaram a envolver 16 mil trabalhadores em quatro municípios. Neste ano, os trabalhadores de Leme nem chegaram a falar em greve — "pararam" dois dias "só para negociar". E o que obtiveram não foi por mobilização local, mas por uma greve iniciada na região de Ribeirão Preto — em Sertãozinho, Santa Rosa, Pitangueiras, Serrana, Barrinha e Guariba. "Em Leme sumiram as lideranças sindicais, na região não se renovam estas lideranças. E as mortes acabaram resultando em um recuo. Em Guariba, e nestas outras cidades (citadas acima), a grande maioria dos trabalhadores rurais está com carteira registrada", diz o deputado estadual Waldyr Trigo, ex-prefeito de Sertãozinho. José Dirceu, também deputado estadual, e que vai estar presente em Leme amanhã para o ato público, fala do mesmo problema: "Guariba foi uma virada na situação do trabalhador rural. Mas em Leme — com uma repressão que não é só policial, mas do empregado, do usineiro, e até social, porque ninguém quer solidarizar-se com bóia-fria", disse José Dirceu — não se consegue defender direitos de um trabalhador que não tem vínculos trabalhistas. "Em Leme não há o mesmo nível de mobilização que há em outros locais do Estado, onde vem crescendo a capacidade de organização rural."

Quanto ao "aproveitamento político" dos fatos — o PT foi envolvido como o "provocador" das mortes dos trabalhadores em Leme — José Dirceu disse que "vamos falar disso também" no ato público, vamos mostrar a verdade dos fatos, quem são os verdadeiros acusados, envolvidos, e por que se fez do PT o culpado, quando se sabe, hoje, que a culpa recai sobre a PM. E por que, sempre que há um problema social, os governos, ao invés de tentar resolvê-los, jogam a polícia contra a população".